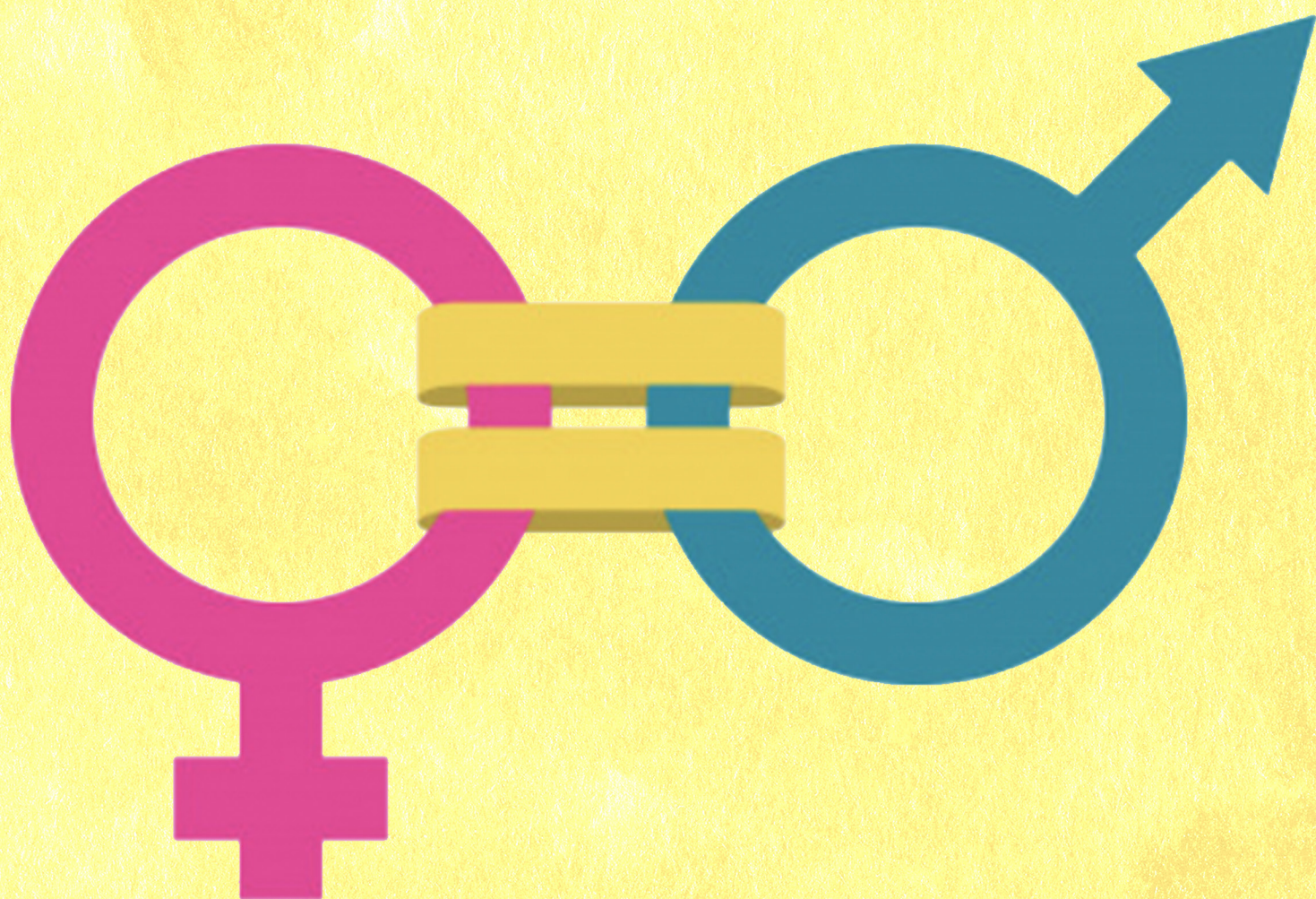


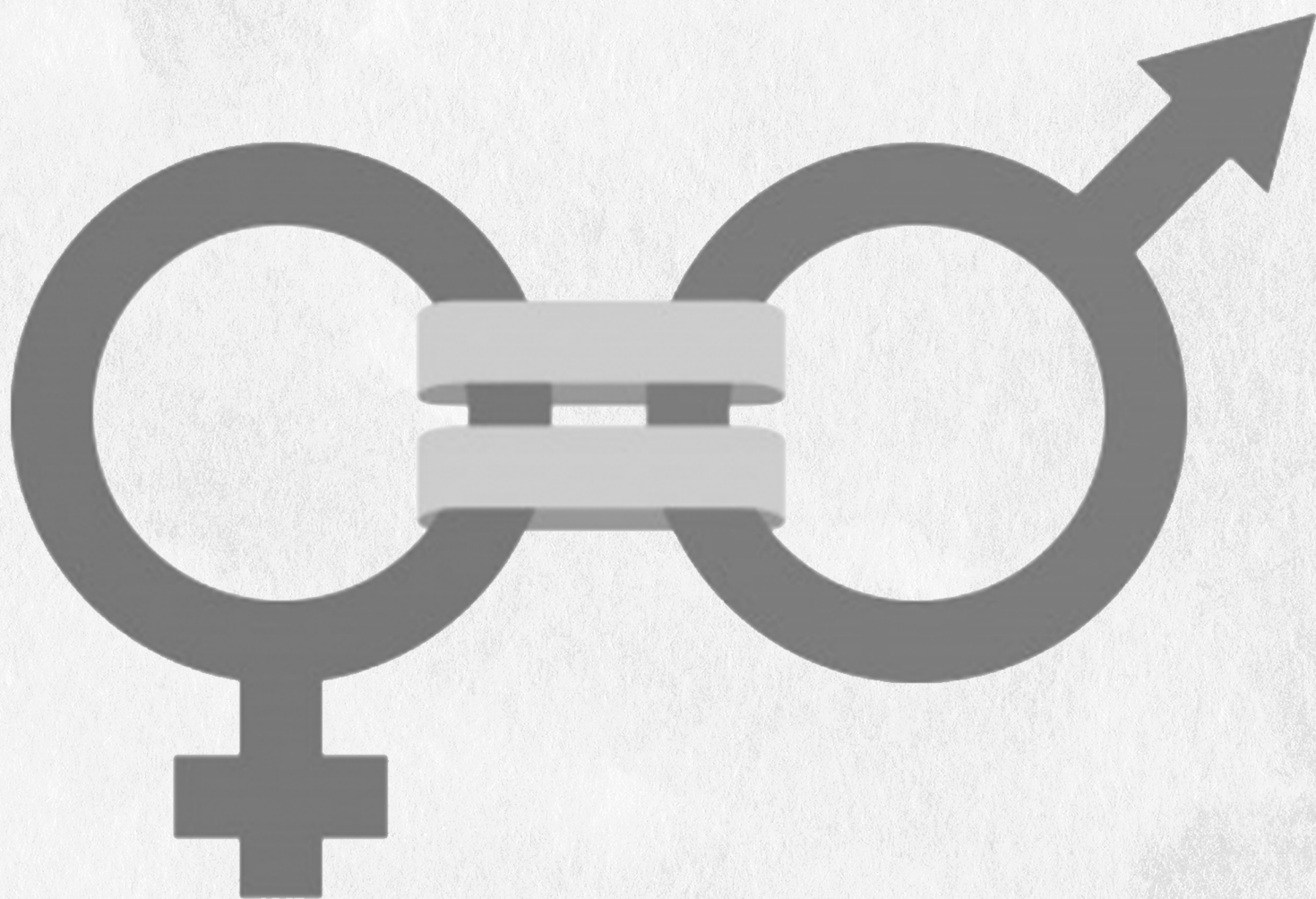
RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M775r	<p>Monteiro, Solange Aparecida de Souza. Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-058-2 DOI 10.22533/at.ed.582202205</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza..</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A temática pertinente **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS** é complexa que tem motivadora de debates na sociedade acerca de como abordar a problemática do gênero e sexualidade na educação. Uma educação democrática, pensa a escola como um ambiente rico em diversidade, visto que seu espaço é repleto de sujeitos em formação. Neste sentido, faz-se necessário elaborar estudos que estejam voltados para a discussão sobre a sexualidade, pensando em uma educação mais inclusiva, que pautado no reconhecimento plural das identidades, buscando a perspectiva de garantia de direitos para a construção de uma sociedade mais igualitária que reconheça e respeite a diversidade sexual e de gênero. A escola tem marcas de um ambiente de promoção e de construção do conhecimento, no qual se consolidam aprendizados em que se formam sujeitos em suas subjetividades em contextos culturais sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Deste modo a escola pode ocupar um papel central no desenvolvimento de seus alunos, e que em razão disto pode estimulá-los a pensar criticamente sobre os discursos socialmente construídos e determinantes no sentido de , romper com a reprodução dos aspectos de uma moralidade que estimula a produção de desigualdade, preconceito e violência em nossa sociedade para a construção dos vínculos afetivos, as identificações sociais e principalmente a produção de subjetividades, contribuindo no desenvolvimento de uma cultura plural e de respeito a diversidade dentro de seu sistema de ensino. E assim, pensando nas possíveis manifestações da sexualidade presentes no cotidiano de crianças e adolescentes em contexto escolar, que surgem demandas de realizar uma reflexão acerca dos métodos e condutas adotados pela escola em lidar com esta temática.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões para temas de **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS**.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CULTURA UNIVERSITÁRIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos Fabio Rodrigues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5822022051	
CAPÍTULO 2	17
A METODOLOGIA NO TRUQUE: DESLOCAMENTOS E (DES) ENCONTROS EM UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA SOBRE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA ESPANHA.	
Maria Cecília Patrício DOI 10.22533/at.ed.5822022052	
CAPÍTULO 3	27
COLONIALIDADE DE GÊNERO: (UM)A CONSOLIDAÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL	
Sarah Francine Schreiner Geanne Gschwendtner DOI 10.22533/at.ed.5822022053	
CAPÍTULO 4	39
EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: DESCONSTRUINDO “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E “MARXISMO CULTURAL”	
Rosiléa Agostinha de Araújo Lorena Kelly Alves Pereira Geovane Gomes de Araújo Glauberto da Silva Quirino DOI 10.22533/at.ed.5822022054	
CAPÍTULO 5	50
COMO A GENTE SE DIVERTE: CORPOS MASCULINOS EM WEBSITES DE CRUZEIROS LGBT	
Diego Santos Vieira de Jesus DOI 10.22533/at.ed.5822022055	
CAPÍTULO 6	64
GÊNERO E GESTÃO: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM CARGOS DE GESTÃO NA INDÚSTRIA CATARINENSE	
Leonard Almeida de Moraes Juliano Keller Alvez Édis Mafra Lapolli DOI 10.22533/at.ed.5822022056	
CAPÍTULO 7	79
GÊNERO, RAÇA E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS EM ESCOLAS DE RIO BRANCO/ACRE	
Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cleyde Oliveira de Castro Murilena Pinheiro de Almeida DOI 10.22533/at.ed.5822022057	

CAPÍTULO 8	87
OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS	
Meiriane Christine dos Santos Aguiar	
Isis Vanessa Nazareth	
Yasmin Alves de Oliveira Lopes	
Rejane Corrêa Marques	
Fabrícia Costa Quintanilha Borges	
Thayssa Cristina da Silva Bello	
DOI 10.22533/at.ed.5822022058	
CAPÍTULO 9	98
GÊNERO, SEXUALIDADE E HOMOFOBIA NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE NARRATIVAS DE LIVROS DE OCORRÊNCIA ESCOLAR	
Keith Daiani da Silva Braga	
Arilda Ines Miranda Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.5822022059	
CAPÍTULO 10	110
OS MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA DA TRANSEXUALIDADE	
Kueyla de Andrade Bitencourt	
João Diógenes Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.58220220510	
CAPÍTULO 11	121
UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR	
Iara Luzia Henriques Pessoa	
Glauce Michelle Araújo Penha	
Carlos Alberto Gomes de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.58220220511	
CAPÍTULO 12	129
SILENCIAMENTOS: A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, A VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MENINAS E O CONTEXTO BRASILEIRO	
Joice da Silva Brum	
Nivia Valença Barros	
DOI 10.22533/at.ed.58220220512	
CAPÍTULO 13	141
GNOSIOLOGIA NAS INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA PROPOSTA DE AGENDA DE PESQUISAS	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Claudionor Renato da Silva	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Valquiria Nicola Bandeira	
Marilurdes Cruz Borges	
DOI 10.22533/at.ed.58220220513	
SOBRE A ORGANIZADORA	151
ÍNDICE REMISSIVO	152

OS MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA DA TRANSEXUALIDADE

Data de aceite: 26/03/2020

Kueyla de Andrade Bitencourt

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente da Universidade Federal da Bahia. E-mail: Kueyla@yahoo.com.br

João Diógenes Ferreira dos Santos

Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: jdiogenes69@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo articular a memória educacional de transexuais na experiência escolar da educação básica, com ênfase nos processos de construção identitária e transformação corporal. Trata-se de um estudo teórico, a partir do referencial do sociólogo francês Maurice Halbwachs sobre marcos sociais da memória e memória coletiva, com ênfase na relevância da materialidade espacial da instituição escolar para a constituição dos atos de memória, situando a escola

espacial e temporalmente entre o final do século XX e o início do século XXI, com características arquitetônicas, curriculares, culturais e vivenciais circunscritas. Discute-se sobre os valores, os pensamentos recorrentes e as possibilidades de visibilizar os modos dissidentes da experiência histórica da sexualidade e de que modo isso reflete na vivência cotidiana de estudantes transexuais no contexto escolar formal.

PALAVRAS-CHAVE: Marcos Sociais; Memória; Transexualidade; Escola.

ABSTRACT: In order to articulate the educational memory of transsexuals about the experience of basic education in school, with an emphasis on the processes of identity construction and body transformation, this paper is a theoretical study based on the theoretical referentials of the french sociologist Maurice Halbwachs. He writes about social boundaries of memory and collective memory, emphasizing the relevance of the school institution's spatial materiality for the constitution of acts of memory and placing the school spatially and temporally between the end of the 20th century and the beginning of the 21st century, with circumscribed

architectural, curricular, cultural and living characteristics. The paper discusses the values, the recurring thoughts and the possibilities of making visible the dissidents ways of the historical experience of sexuality and how this reflects on the daily life of transsexual students in the formal school context.

KEYWORDS: social boundaries; memory; transsexuality; school.

INTRODUÇÃO

Maurice Halbwachs inaugura uma perspectiva de memória enquanto fenômeno eminentemente coletivo, incluindo-o no âmbito das ciências sociais. A memória seria uma partilha do passado por membros de um grupo com uma experiência coletiva, imaginariamente imutável e que sedimenta valores, de modo que a memória coletiva seria a plataforma de ancoragem da identidade do grupo, que possibilita sua continuidade no tempo e no espaço. Qualquer rememoração individual está localizada nas múltiplas redes de solidariedade a que as pessoas pertencem, de modo que, na investigação das memórias “nada escapa a trama sincrônica da existência social atual” (HALBWACHS, 2004).

A partir disso, tem-se que a recordação³ surge da reunião desses elementos múltiplos que traduzimos em linguagem e constitui-se, para Halbwachs (2004), como referência que situa as pessoas diante de constantes transformações dos marcos sociais e da histórica experiência coletiva, de modo que aqui essa referência não concerne a um fenômeno estanque ou a uma perspectiva essencializada, mas uma relação diferencial.

Para esse autor, as recordações são evocadas de fora e não existem aspectos puramente pessoais dos estados de consciência que se conservem na memória. Os estados de consciência vinculam-se com imagens de significação social que são representadas com frequência por pertencermos a uma sociedade e que em contato com as inclinações singulares podem ser ressignificadas. Ao partir do presente, a recordação utiliza-se da linguagem e dos pontos sociais de referência para ter contato com o manancial de acontecimentos passados e do status de consciência de então, caso esses possam ser acessados, pois existem situações em que as antigas impressões pessoais se tornam inacessíveis.

A memória coletiva, por sua vez, será apresentada nesse trabalho a partir da obra *Memória Coletiva* (2003) de Maurice Halbwachs. A memória coletiva é produzida alicerçada em grupos de pertença que possuem referenciais em espaços, instituições, valores, imagens, emoldurados em determinados períodos históricos, por determinadas sociedades. Para o sociólogo francês, podemos pensar em determinados objetos, pelo fato de fazemos parte de determinado grupo, pois, a partir dele, mantemos relações familiares, religiosas, de classe, na realidade social

1 Na tradução das obras de Halbwachs para o português utiliza-se o termo lembrança para referir-se ao que nesse escrito chamamos de recordação, por considerar essa nomenclatura mais apropriada.

experienciada, e asseguramos as recordações mais consistentes. Estes marcos coletivos não se referem a formas vazias que encaixariam recordações vindas de fora, são instrumentos que reconstróem o passado, consoante os pensamentos dominantes na sociedade.

Alguns críticos, no entanto, afirmam que Halbwachs desconsidera o caráter dialógico e negociável da memória, o que reduz o potencial explicativo de sua teoria, pois não leva em consideração a dinâmica dos conflitos pela hegemonia da memória, as lutas e os interesses antagônicos presentes nas disputas de grupos sociais pela construção social do passado. Considerar o conflito de interesses é imprescindível quando se trata de processos referentes a experiência dissidente de sexualidade e do gênero no contexto escolar, a exemplo da transexualidade. Por estar inserida na sociedade, a escola encerra muitas contradições sociais e geralmente enaltece determinado tipo de sexualidade, ao tempo em que exclui ou silencia as sexualidades consideradas dissidentes.

Para esse estudo cabe considerar a alusão feita por Maurice Halbwachs (2004) aos marcos sociais como instrumentos da memória coletiva por meio dos quais seria possível, levando-se em consideração o período e os personagens prevaletentes na sociedade, reconstituir uma imagem passada. A partir dessa premissa, cabe o questionamento sobre quais seriam os valores, os pensamentos recorrentes e as possibilidades de visibilizar os modos dissidentes da vivência da sexualidade, em suas experiências históricas, sobre o processo da transexualidade e de que modo eles estariam reverberando nas relações das/os estudantes transexuais no contexto educacional.

Nesse trabalho especificamente considera-se a instituição escolar, localizada espacial e temporalmente, a escola do final do século XX e início do XXI, com características singulares quanto a arquitetura, currículo, cultura e vivência da sexualidade. Debruçar-se sobre a organização escolar revela sua fecundidade para explicar a complexidade de fenômenos que ocorrem em seu cotidiano, abordar a dinâmica interna de seu funcionamento, através de métodos de ensino, ritos escolares, programas, valores, circulação de ideias, legislação, e admitir, desse modo, a escola como produtora de uma cultura.

OS MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA

Em sua obra, *Os quadros sociais da Memória*, publicada em 1925, Maurice Halbwachs, influenciado pela concepção de Durkheim de impessoalidade e coerção dos fatos sociais sobre os grupos, assegura que a memória está fundamentada em lugares, valores, instituições, imagens que constituem os marcos sociais e que esses marcos conservam memórias coletivas de variados grupos que interagem de modo vigoroso na realidade. Desse modo, pensar as questões relacionadas a evocação e localização das recordações, significa ter como referência os quadros

sociais que se constituem como referencial imprescindível nos estudos de memória.

Os marcos sociais da memória, segundo Halbwachs (2004), permite-nos perceber como testemunhas da vida cotidiana, fazendo-nos compreender sua continuidade social, seu encadeamento e temporalidade, reportando-nos à ideia de que só podemos lembrar efetivamente, por meio da sociedade. Desse modo, nosso engajamento no bojo das relações sociais nos torna mais cômicos da condição de indivíduo, a medida que nossas relações se desdobram incessantemente

Para o autor de *Os quadros sociais da memória* as pessoas não revivem o passado, mas o representa a partir da reconstrução de situações que são distintas em suas execuções, mas que possuem uma estrutura de ordenamento e, para tanto, faz-se necessário reposicioná-lo em um conjunto de práticas, pessoas, lugares e ideias, o que demanda considerável esforço mental para trazer uma recordação ao presente, muitas vezes ignorada, por acreditar ser suficiente trazer à consciência apenas a ordem cronológica dos fatos.

A partir do entendimento de que a rememoração ocorre a partir do presente, os princípios dos marcos sociais da memória reportam-se às concepções proporcionadas pelas relações sociais do nosso tempo, assumindo o incessante processo de transformação pelo qual passam os marcos. Destarte, localizar uma recordação requer a combinação de uma rede de sentidos com o intuito de situar essa recordação em um grupo de significações dadas socialmente e que incluem questões com o trabalho, laços familiares, relações com o conhecimento científico, dentre outras acepções.

A partir dessa discussão, será abordada a Memória Coletiva, conceito criado por Halbwachs em 1925, ao elaborar os marcos sociais da memória, sendo esta considerada pelo autor como uma categoria sociológica representada na noção de tradição, que expressa uma ideia normativa da memória social e acaba por ser transmitida por meio dos hábitos coletivos. Sendo que, será explanada a perspectiva da memória a partir do espaço, do ambiente material que traz a marca pessoal e das pessoas com as quais se relacionam, a fim de chegar aos atos de memória da transexualidade no espaço educacional escolar.

A MEMÓRIA COLETIVA E AS RECORDAÇÕES

Ao fazer referência às memórias coletiva e individual e ao levar em consideração que a memória coletiva está relacionada aos grupos sociais de pertencimento, Halbwachs afirma que geralmente utilizamos de testemunhos para fortalecer ou debilitar o conhecimento a respeito de um evento. No entanto, não se trata de juntar pedaços de acontecimentos, e sim propiciar a partilha de noções comuns que estejam ou estiveram fazendo parte de um grupo. Só assim a lembrança pode ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2003).

O aparecimento da recordação não se trata da soma de várias reflexões, de

um ato propositado, e sim de avizinhamentos de percepções determinadas pela ordem – no tempo e no espaço – que apresentam determinados objetos sensíveis. A percepção serve para nos deixar em uma disposição física e sensível favorável ao reaparecimento da recordação. Reconhecer a imagem que nos dá acesso às recordações seria vinculá-la a outras imagens, formando um quadro, conseqüentemente, é preciso que nos situemos em um grande número de ambientes coletivos, o que fazemos por consequência de encontros, ao acaso, pois não o procuramos deliberadamente. As causas que determinam essas lembranças não dependem do indivíduo, são partes exteriores e sobre cada uma delas exercemos limitada influência. “Esse é o limite do qual nos aproximamos, à medida que se complicam e se multiplicam os dados sociais que entram em nossas lembranças.” (HALBWACHS, 2003, p.57).

É comum atribuímos ao indivíduo reflexões e sentimentos inspirados pelo grupo e, por ele estar em uníssono com o coletivo, não distinguimos se o ponto de partida está nele ou no próprio grupo de pertença. Nessa relação entre o indivíduo e grupo, Halbwachs afirma que “se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (2003, p.69), o que não justifica uma abordagem individualizante do processo de rememoração.

Ao tratar das memórias individuais e coletivas, segundo Peralta (2007), Halbwachs tende a submeter as memórias individuais aos padrões coletivos e a recordação é subordinada ao pertencimento a um grupo. Desse modo, “ao sujeitar a memória a este determinismo social, Halbwachs negligencia as tensões dialécticas existentes entre memória individual e a construção social do passado” (PERALTA, 2007, p.6). Além disso, trata o indivíduo como passivo, diante de uma vontade coletiva que interioriza.

TRANSEXUALIDADE E MEMÓRIA

No que tange a experiência coletiva da transexualidade, antes da década de 1950 não existiam definições ou caracterizações específicas para transexuais e a concepção desse fenômeno ocorreu por meio da proliferação de publicações médicas referente a temática. Em 1960 esses discursos teóricos ganharam visibilidade e foram colocados em funcionamento a partir da definição da transexualidade como uma doença e sua posterior inclusão no Código Internacional de Doenças na década de 1980, que resulta na construção de um personagem, a/o verdadeira/o transexual e na patologização da experiência trans². Nos tempos hodiernos a transexualidade torna-se bastante discutida e visibilizada, inclusive no âmbito acadêmico, e remonta às discussões sociológicas, jurídicas, psicológicas, biomédicas e educacionais, o que não significa que ela não continue sendo alvo de preconceito e que sua naturalização

² Nesse trabalho, utiliza-se esse termo de forma genérica para se referir a transexuais.

tende a apresentá-la como a-histórica.

Dada a relevância atribuída à escola no processo de socialização dos infantes e adolescentes em nossa realidade social e levando em consideração a ideia de que “recordar é reconstruir o passado a partir dos marcos sociais existentes em seu grupo” (HALBWACHS, 2004, p. 371), aqui considera-se a possibilidade de conceber a instituição escolar como um espaço elementar no processo de rememoração, sendo esta instituição influenciada vigorosamente pelos marcos citados por Halbwachs como a religião, a família, a classe social. O marco social desempenha, em alguma medida, por intermédio da experiência, o papel de organizador das lembranças, cujos sentidos estão associados inextrincavelmente a um determinado grupo social (HALBWACHS, 2004).

Assim sendo, ao considerar que a escolarização é obrigatória em nosso país nos primeiros anos de vida e que esse processo situa-se dentro do projeto moderno que almeja, através da educação, alcançar modelos civilizatórios, emancipar a humanidade e combater a pobreza e a ignorância, sugere-se que a maioria das transexuais passaram pelos bancos escolares nos primeiros anos de vida e que poderiam organizar recordações sobre essa experiência a partir das referências grupais que compartilham e das redes de sentido forjadas socialmente.

Pode-se dizer que as memórias coletivas referentes ao sistema de valores e significações da escola são imprescindíveis para emoldurar as recordações trazidas pelas transexuais sobre sua experiência nesse contexto. Faz-se mister problematizar a contribuição da escola para os processos de construção das memórias, das identidades e as experiências de socialização dos sujeitos. Ao tratar da transexualidade tem-se que muitos jovens, em busca de reconhecimento social, começam a modificação corporal ainda quando estão cursando o ensino fundamental e muitos são vítimas de preconceito e deixam de estudar por conta da marginalização sofrida.

Além das normas regulatórias que sustentam o sistema corpo-sexo-gênero cabe também indagar sobre os imperativos da heteronormatividade que operacionalizam os processos de exclusão (BUTLER, 2000) como o que ocorre com transexuais. As escolas não suportam trabalhar com pessoas trans, pois empreendem um trabalho a fim de estabelecer e reiterar a norma heterossexual. Em vista disso, um fato considerado como discriminação, pode abalar de modo impactante a percepção afetiva de uma pessoa e ter repercussões materiais e psíquicas no grupo que a mantém no conjunto de suas representações, mas depois que esse fato deixa de ter significação social, ele pode passar a concernir apenas o indivíduo (HALBWACHS, 2004).

Na sociedade contemporânea, os lugares são mais fortemente determinados e a memória nos ilude de que não somos aprisionados aos grupos de pertencimento. Quando se trata das transexuais, cabe a problematização quanto a esses lugares e sua relação com a memória, uma vez que, muitas delas, por sofrerem estigmatização e não se sentirem pertencentes aos grupos sociais de referência, família, escola, afirmam que não desfrutam de um pertencimento social descontraído, mas que precisam

lembrar-se a todo instante o lugar de abjeção em que são colocadas socialmente, portanto, preferem a convivência cotidiana entre os pares na realização de quase todas as atividades sociais, a fim de que se sintam mais protegidas da violência sofrida cotidianamente, sobretudo nos espaços públicos. Assim, para Bitencourt,

o território da amizade serve como âncora nos processos de experiências dissidentes da sexualidade vividas pelas travestis. Em suas vivências é possível observar indícios de estratégias traçadas a fim de produzir os supracitados contornos como as moradias coletivas, as viagens, as cumplicidades entre travestis de diferentes localidades. (2018, p.170)

Para Halbwachs (2003), as memórias coletivas instigam a sociedade, como consequência das noções elaboradas e encerradas nos marcos sociais delimitados que de certo modo exercem coerção sobre os grupos sociais. A memória, então, que se refere a um passado inexistente, sobrevive interposta pelos grupos sobreviventes. Analogamente, pressupõe-se que o grupo *trans* possui inúmeras características compartilhadas no decorrer do tempo e que servem como constitutivas de suas expressões sociais e culturais, como as estratégias utilizadas no processo de transição, a hormonioterapia, as cirurgias reparadoras e de redesignação, o trânsito pelos espaços públicos, o medo da violência, o uso do banheiro, o processo de formação identitária, o uso do nome social e diversas outras performances. Sendo que, essas estratégias se modificam incessantemente ao longo da trajetória histórica desse grupo e alguns componentes deixam de existir, concomitante ao surgimento de demandas que dependem das exigências dos grupos e do momento presente, assim,

(...) as memórias coletivas, construídas pelos grupos sociais conviventes numa sociedade, que são assimiladas dentro de quadros sociais, materiais e morais vivenciados pelos indivíduos dentro de contextos históricos sociais constituídos por classe, por familiares, por experiências religiosas, etc. onde se constrói a memória do vivido, que nem sempre é arbitrada ou controlada pelo conhecimento histórico, mas que continua se manifestando na realidade, por meio de contextos, costumes, valores que continuam sendo recordados pelos indivíduos sociais a depender da necessidade desses grupos e do estágio da realidade que conforma as necessidades do seu presente. (MAGALHÃES, 2016, p. 171).

Ao falar de lembranças da infância, por exemplo, Halbwachs (2003) afirma que as vezes é primordial lembrar o local e a época, ou, em alguns casos, apenas o acontecimento. Mesmo os que parecem não ter referências sociais na infância, como em casos de vivências infantis dolorosas, a família e a escola estão presentes. As transexuais, ao falarem sobre suas experiências enquanto infantes e como percebem seu processo de formação e identificação social, apontam para as referências instituídas pelas famílias e pela escola que predizem comportamentos sociais acerca dos corpos infantis. Essas instituições têm um papel fundamental na construção identitária dessas pessoas, e comumente aparecem como

lugares onde a opressão e a intolerância são mais fortes. Nesses casos, a corrente de pensamento social é tão presente e tão naturalizada que as vezes nem é notada, pois

no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que tiveram mais frequentemente em contato com ele (HALBWACHS, 2003, p. 51).

Para Magalhães e Almeida (2011), existem memórias coletivas que são controladas a partir da reprodução de certas relações sociais, consoante os grupos sociais que as referenciam. Desse modo, constata-se um controle do uso da memória a partir do fato de que algumas memórias são objetos de destaque e outras de esquecimentos, em contextos específicos.

Aproximações com as narrativas sobre as trajetórias escolares de pessoas *trans* apontam que estas se constituíram, em muitos casos, por memórias traumáticas (BENTO, 2011) e revelam processos dolorosos vivenciados na fabricação de si e a escola. O nome social, que funciona como reconhecimento dos outros do seu processo de fabricação; a utilização do banheiro, que evidenciam espaços interditos e geradores de violência, sobretudo para as mulheres transexuais; as aulas de educação física, e a manutenção do padrão binário na formação das identidades de infantes e adolescentes; a relação com professores e funcionários, abarrotada de preconceitos e pautadas em discursos religiosos são exemplos desses processos.

Cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, que se modifica de acordo com o lugar ocupado, que por sua vez muda de acordo com as relações que são mantidas com os ambientes. A sucessão de lembranças, mesmo as individuais, se dá pelas mudanças nas relações com os ambientes coletivos e pelas transformações destes ambientes. Desse modo, esse trabalho busca enfatizar as imagens espaciais que desempenham um papel significativo na memória coletiva, dando materialidade ao espaço e aqui prosseguimos na problematização da memória de transexuais acerca das vivências educacionais no espaço escolar formal.

AMEMÓRIA COLETIVA E A MATERIALIDADE ESPACIAL DO AMBIENTE ESCOLAR

Analisar a memória significa pensar as experiências, relações e situações definidas socialmente em um determinado tempo e em determinado lugar, a partir de experiências consensuais ou divergentes, em uma relação entre passado e presente. Analisar, por sua vez, os estudos da memória da história da educação significa

reclamar o entendimento da apropriação das experiências passadas no presente, sua ativação dialética, como uma das formas, dentre outras tantas, de entendimento das estruturas econômicas, mentais, culturais e ideológicas que, inevitavelmente, entrelaçam realidade presente e passada, dentro das razões históricas em que

foram produzidas e para as quais estão sendo mantidas. (MAGALHÃES, 2016, p.169).

Consoante Halbwachs (2003), os objetos reencontrados e os seus lugares recordam uma maneira de ser comum a um conjunto de pessoas e quando analisamos esses grupos, o fazemos através de cada parte, a fim de saber suas contribuições. Destarte, deve-se atentar para as inúmeras interfaces encontradas no contexto da escola, que se diferenciam, dentre outras coisas, de acordo com os níveis de ensino, o projeto político pedagógico e os grupos que compõem esse cotidiano. Para Frago (2001) cada grupo tem uma maneira peculiar de pensar, expectativas, interesses e modos de agir. Então, pode-se presenciar a cultura dos alunos, dos professores e dos gestores, além de culturas externas que incidem sobre aquelas e podem causar modificações no dia a dia e nas práticas educacionais.

O grupo molda a partir do espaço que habita, ao tempo em que se moldam as coisas materiais que a ela resistem, desse modo, o local recebe a marca do grupo e vice-versa. Os aspectos e detalhes do lugar só têm sentido para os membros de determinados grupos, sobretudo aqueles mais estáveis, o que nos leva a refletir sobre a forma específica com que as transexuais vivem os espaços escolares, por enfrentarem situações de preconceitos e de resistências.

Há sempre outras possibilidades de ocupação dos territórios, através da resistência e, no que se refere especificamente às questões de gênero e sexualidade, de embate aos sistemas sexuais binários, às lógicas normativas, ao patriarcado e ao conceito conservador de família. Uma importante estudiosa da área, Berenice Bento, reflete sobre o resultado de sua pesquisa e destaca que “[a] escola é lembrada como um espaço de terror, onde os/as transexuais eram vítimas de todo tipo de preconceito” (2006, p.208). Guardam entre si histórias de sofrimento e dor relativas as vivências escolares, no entanto a escola pode também ser um espaço de resistências e negociações que possibilitam reflexões, bem como experiências múltiplas. É sabido, a partir de pesquisas já realizadas sobre essa temática (BENTO, 2006; LOURO, 2000; ANDRADE, 2015), que muitas transexuais não concluem o ensino fundamental, ingressam em trabalhos informais, evadem ou são expulsas da escola, muitas vezes impelidas à prostituição, contudo, pode-se pensar ainda na construção e (trans) formação desses sujeitos no âmbito escolar como resistências e possibilidades de reinvenção da sexualidade. Assim, consoante Halbwachs (2003) pode-se afirmar que o deslocamento das pessoas dos lugares a que estão acostumados não ocorre sem resistência, ressentimento, sem deixar para trás parte de si.

No *Memória Coletiva*, o autor afirma que a conservação material é importante, pois retornamos ao passado que nossa imaginação a cada instante reconstrói, assim, a medida que nosso pensamento se fixa no passado, ele é capaz de lembrar, de modo que, “(...) não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. O espaço é uma realidade que dura.” (2003, p. 170). Apenas com a representação do lugar não podemos pensar na ação do grupo que a ele esteve associado, mesmo não

havendo “grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha nenhuma relação com o lugar” (HALBWACHS, 2003, p. 173).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as contribuições de Halbwachs, sobretudo no que refere a construção e a manutenção da identidade dos grupos quanto à construção de uma memória do seu passado coletivo. Contudo, para esse autor, identidade e a memória são concebidos como sistemas estáticos e coerentes, de aceitação de valores que mantêm os vínculos afetivos dos integrantes dos grupos, temporal e espacialmente, e a memória comum a todos os indivíduos é submetida a padrões sustentados coletivamente. Segundo Peralta (2007), a memória coletiva, para além de uma perspectiva halbwachiana, é um sistema que possui significados divergentes no tempo e é um processo de recriação cultural dinâmico, mediada pelo controle ideológico e por experiência social de grupos que mantêm a estabilidade social enquanto se adapta a mudança.

Desse modo, cabe o questionamento na esfera da educação de como a memória e as experiências históricas que ela encerra está sendo utilizada pelos grupos sociais para estabelecer relações educacionais e reconstruções da realidade que por muito tempo ficaram submersas em função de vínculos em que vigorava o abuso de poder. Portanto, parece indispensável o estudo da memória nos espaços de educação, considerando diferenciadas fontes e manifestações, e a partir das dimensões teóricas e práticas estudar o passado e as negociações do presente. Assim, “como qualquer elemento da estabilidade que faz falta no mundo dos pensamentos e dos sentimentos, é na matéria e em uma ou muitas partes do espaço que ela precisa garantir seu equilíbrio” (HALBWACHS, 2003, p.184). Os lugares contribuem para a estabilidade das coisas materiais e delimitam limites que auxiliam a imobilizar e durar, sendo essas características condições da memória.

Cada sociedade faz o recorte do espaço a sua maneira, mantendo um ponto estável em que consegue encontrar suas lembranças. Para o autor supracitado,

(...) é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer (HALBWACHS, 2003, p.189).

Assim sendo, os diversos significados que atribuímos ao passado são dinâmicos e incansavelmente construídos e reconstruídos por diversos atores no decurso do tempo. A complexidade da memória requer uma abundância de modelos interpretativos que a caracteriza como um vasto campo de estudo, que abarca diversas disciplinas e possui difícil delimitação conceitual. Cabe destacar que, não obstante a heterogeneidade de modelos explicativos, a apropriação de experiências do passado no presente inevitavelmente encerra relações de poder que

mantém ou rompem com determinadas relações sociais e, além disso, existe uma seletividade da memória, pois não existe pesquisa desinteressada. Portanto, para concluir a discussão sobre a memória coletiva e a vivência da transexualidade nos espaços escolares é extremamente salutar pensar nos limites desses espaços, nos direitos que eles encerram, e nas possibilidades distintas de ocupação dos grupos sociais de cada lugar no espaço.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira. **Travestis na escola** : assujeitamento ou resistência à ordem. Rio de Janeiro : Metanoia, 2015.

BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2006.

_____. **Na Escola se Aprende Que a Diferença Faz uma Diferença**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v 19, n. 2, p. 549-559, agosto, 2011.

BITENCOURT, Kueyla Andrade. TRANSterritorializações – O espaço (im)preciso da travestilidade. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 8, p. 154-173, 2018.

BUTLER, Judite. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRAGO, Antonio Viñao. ¿ Fracasan las Reformas Educativas? La Respuesta de un Historiador. In: Sociedade Brasileira de História da Educação (Org.) **Educação no Brasil: história e historiografia**. Campinas – SP: Autores Associados; São Paulo: SBHE, 2001, p.21-52.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas : Anthropos Editorial, 2004.

_____. **Memória Coletiva**. São Paulo : Centauro, 2003.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Autentica, Belo Horizonte, 2000.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Revista HISTEDBR on-line, Campinas, n. 67, p.165-174, Mar. 2016.

MAGALHÃES, L. D. R.; ALMEIDA, J. R. Relações simbióticas entre Memória, História e Educação. In: **História, Memória e Educação**. Campinas, Alínea, 2011.

PERALTA, Elsa. **Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica**. Arquivos da Memória, n. 2, p 4-23, 2007

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 5, 104, 115, 117, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 148

Agenda 15, 40, 41, 45, 48, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

B

Brasileiro 18, 22, 32, 34, 48, 104, 130, 136, 140

C

Catarinense 64, 65

Colonialidade de gênero 27, 29, 32, 34, 36

Corpo 3, 11, 13, 17, 23, 24, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 74, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 106, 115, 109, 120, 121, 127, 135

Corpos masculinos 6, 50, 51, 57, 58, 60

Cultura universitária 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

E

Educação Sexual 15, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

escolar 5, 2, 8, 46, 79, 80, 84, 85, 86, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 141, 142, 144, 146, 147, 148

Escolar 98, 99, 103, 109, 121, 151

Etnografia multisituada 17, 18

F

Feminino 3, 4, 26, 32, 33, 36, 37, 47, 55, 57, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 73, 76, 77, 87, 89, 90, 91, 93, 97, 101, 102, 107, 124, 125, 130, 131, 135, 136, 137, 138

Formação docente 1, 4, 5, 10, 11

G

Gênero 3, 1, 15, 16, 25, 28, 37, 38, 44, 48, 49, 79, 86, 98, 108, 121, 128, 129, 134

Gnosiologia 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150

H

Homofobia 43, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109

I

Ideologia 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49

Inclusão 53, 65, 75, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 90, 114, 127

Indústria 64, 65, 69, 71, 74, 77

Integrativa 87, 90, 97

Investigações 144, 145, 147, 148

M

Marcos sociais 110, 111, 112, 113, 115, 116

Marxismo cultural 39,40, 41, 43, 44, 45, 46, 48

Memória 25, 31, 42, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

Metodologia 1, 4, 17, 20, 26, 78, 80, 141, 144, 151

Mulheres 2, 3, 4, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 101, 109, 117, 124, 125, 129, 133, 135, 137, 138, 148

P

Pesquisa 1, 4, 8, 9, 11, 14, 18, 19, 20, 21, 23, 28, 35, 39, 42, 48, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 75, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 98, 99, 104, 105, 108, 118, 120, 122, 123, 130, 131, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

Pessoas com deficiências 81, 82

Pós-verdade 39, 40, 42, 43, 48

Proposta 16, 18, 30, 61, 70, 81, 84, 105, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Psicologia escolar 121, 127, 128

Publicações científicas 89

R

Raça 6, 30, 37, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 94, 121, 122, 123, 124, 131, 135

S

Sexualidade 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 34, 39, 41, 45, 47, 48, 52, 53, 60, 62, 90, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 116, 118, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

T

Transexualidade 110, 112, 113, 114, 115, 120, 128

Travestis brasileiras 17, 18, 19, 21, 22, 25

Truque 22, 25

V

Violência 5, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 53, 57, 60, 91, 92, 95, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 116, 117, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Violência de gênero 33, 34, 91, 130, 134, 135, 137

 **Atena**
Editora

2 0 2 0